

## O PESSIMISMO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS THE PESSIMISM IN POETRY AUGUSTO DOS ANJOS<sup>1</sup>

Wellington Lima Amorim<sup>2</sup>  
Adonay Ramos Moreira<sup>3</sup>

**RESUMO:** Augusto dos Anjos faz parte, em nossas letras, de um seleto grupo de escritores que, por ter mergulhado a fundo na existência humana, criou na Literatura Brasileira obras que fogem aos lugares-comuns de seu tempo e à condição de carnavalização atribuída à diversidade cultural das terras brasileiras, visão essa que tanto distorceu e ofuscou o verdadeiro poder de nossos artistas. O pessimismo assume, dessa forma, uma função essencial: questionar o que se está fazendo e como se está fazendo, uma vez que todos os grandes pessimistas são, no fundo, grandes realistas. O objetivo de tal trabalho é avaliar o pessimismo da poesia de Augusto dos Anjos e identificar as reflexões inovadoras que seus versos apresentam. Para tanto, leu-se a sua única obra, “EU”, bem como poemas publicados na juventude e alguns de seus principais críticos e estudiosos, como Raimundo Magalhães Júnior e o poeta Ferreira Gullar. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica, avaliando a poesia do autor e identificando em sua obra, em comparação com o pensamento de seu tempo, a gênese de sua singularidade em nossa Literatura.

**Palavras-chave:** Poesia; Pessimismo; Reflexão.

**ABSTRACT:** Augusto dos Anjos is part of a select group of writers who, having dived deep into human existence, created in Brazilian literature works fleeing the commonplaces of his time and carnivalization condition attributed to the cultural diversity of Brazilian land, a view that is both distorted and obscured the true power of our artists. Pessimism takes thus an essential function: to question what you're doing and how you are doing, since all major pessimists are, deep down, great realistic. The purpose of this study is to evaluate the pessimism of Augustan poetry of the Angels and identify innovative reflections that his verses present. For this, read to your unique work, "I", and poems published in youth and some of his critics and leading scholars, as Raimundo Magalhaes Junior and poet Gullar. The methodology used was the literature review, assessing the poetry of the author and his work in identifying, compared to the thought of his time, the genesis of their uniqueness in our literature.

**Keywords:** Poetry; Pessimism; Reflection.

### INTRODUÇÃO

Na história da literatura brasileira, não são poucos os esquecidos. Em meio às glórias literárias que tanto seduzem as musas dos poetas, não é raro que se encontrem, em nossas letras, aqueles para os quais não se deu atenção. Esse fenômeno, que de resto não é particular às nossas letras, sendo perceptível em literaturas de vários países, foi

<sup>1</sup> O estudo acerca do pessimismo na poesia de Augusto dos Anjos se fará com base na leitura de seu livro “Eu”, única obra publicada em vida pelo genial poeta paraibano, lançada no Rio de Janeiro em 1912. Contudo, à medida que sua fama foi aumentando, sobretudo devido à leitura da gente comum, feito um tanto quanto inédito na história da literatura nacional, alguns outros poemas do autor foram sendo estudados e acrescentados à sua obra. Nesse particular, se fará menção em qual estudo o poema foi compilado quando o texto citado não pertencer ao livro “Eu”. Este texto foi publicado em 27/04/2017 Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil -eISSN: 1981-8106 sendo revisado e atualizado para esta publicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrado em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT-UFMA, 2021). E-mail: fernandodrummond74@yahoo.com

particularmente cruel no caso de Augusto dos Anjos. A lista dos grandes escritores que morreram sem ter o reconhecimento devido é demasiadamente longa e conta, entre seus personagens, com nomes como os de Kafka, Lima Barreto, Baudelaire, Rimbaud, Edgar Allan Poe, Fernando Pessoa, dentre muitos outros. Kafka é, nesse sentido, um dos casos mais exemplares, pois se tornou quase lendário o seu pedido a MaxBroad para que este destruísse toda a sua obra. É mais do que notório que esse pedido não deve ser levado muito a sério, uma vez que, se o escritor de Praga quisesse realmente dar cabo a seus textos, ele mesmo o teria feito. Contudo, esse tipo de comportamento suspeito em relação ao seu próprio futuro literário não é nada estranho em se tratando de Kafka, pois é ele o mesmo homem que, ao ser questionado sobre a sua posição cômoda dentro dos escritórios dos Institutos de Seguros de Praga, respondeu:

“Não chamo isso de trabalhar, mas de apodrecer. Toda vida verdadeiramente ativa, direcionada para um objetivo, preenchendo verdadeiramente um ser, tem o ímpeto e o brilho de uma chama. Mas eu, o que faço? Fico lá naquele escritório. Ele não passa de uma fábrica de fumaça fedorenta, sem nenhum sentimento de felicidade. Por isso minto tranquilamente às pessoas que me perguntam como vou, em vez de simplesmente dar as costas em silêncio, como o condenado que sou de fato” (KAFKA apudJANOUCHE, 2008, p. 145-146).

Vivendo no nordeste brasileiro do século XIX, em um Brasil que aos poucos começava a tomar conhecimento das novidades científicas da Europa, o poeta do Engenho Pau D'Arco passou despercebido em nossas letras. Sua poesia permaneceu ignorada, rejeitada pela novidade de seu vocabulário e pelo exotismo de suas imagens. Nesse mesmo século, o país via surgir a famosa instituição criada por Machado de Assis, com o objetivo de preservar a língua portuguesa. Tendo como modelo a Académie Française, a Academia Brasileira de Letras, cujo início foi bem difícil, foi um grande acontecimento desse século e representou um grande avanço na valorização de nosso pensamento e de nossa sensibilidade. Raimundo Magalhães Júnior dá uma amostra desse começo difícil em seu monumental estudo sobre a vida de Machado de Assis, intitulado “Vida e Obra de Machado de Assis”. O estudo é dividido em quatro volumes, ficando reservado ao quarto, denominado “Apogeu”, a descrição dos primeiros passos da nascente Academia Brasileira de Letras, por cuja existência, como bem relata Magalhães Júnior, tanto lutou o Bruxo do Cosme Velho.

No entanto, nem mesmo isso exerceu sobre o poeta do cosmos em dissolução

alguma influência. O que não é de todo estranho, uma vez que a famosa Academia deixou fora de seus quadros muitos dos nossos maiores autores daquele século. A esse respeito, há que lembrar de Lima Barreto, um dos casos mais notórios de esquecimento da ABL. O autor de “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”, entanto, não poupou críticas à famosa instituição, como fica claro em sua magistral obra satírica “Os Bruzundangas”, como fica claro em sua magistral obra satírica “Os Bruzundangas”, na qual, ao falar da diplomacia dessa terra, comenta:

“Afora um ou outro que não se veste pelo figurino da maioria, o que eles publicam são sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos, lambidinhos, cantando as espécies de joias e adereços que se encontram nas montras dos ourives. A isto, eles batizam, por conta própria, de aristocracia da arte, arte superior, arte das delicadezas impalpáveis. Publicam esses catálogos de ourivesaria, quando não são de modistas e alfaiates, em edições luxuosas; e, imediatamente, apresentam-se candidatos à Academia de Letras de Bruzundanga. Houve um tempo em que ela os aceitava sem detença; mas, ultimamente, devido à sua senilidade precoce, desprezou-os e só vai aceitando os taumaturgos da cidade. Não há médico milagreiro e afreguesado que não entre para ela e pretira os diplomatas” (BARRETO, 1985, p. 54).

Angustiado, cultor de uma poesia ímpar em nossas letras, que em muitos aspectos antecipa muitas das conquistas do Modernismo de João Cabral de Mello Neto e Graciliano Ramos, pelo uso de palavras que até o momento eram inusuais no vocabulário dos poetas de então, Augusto seguiu ignorado, esquecido, visto antes como um excêntrico do que como um gênio das terras brasileiras. Como bem lembra Lúcia Helena em seu “*A Cosmo-Agonia de Augusto dos Anjos*”:

Na tribo literária da época coexistiam, entre pacíficas guerras frias, entre uma e outra pompa despertada, o Neoparnasianismo, o Penumbrismo e as viagens “futuristas” de Oswald de Andrade à Europa. É natural, portanto, nesse clima de transição e indefinições, que a obra de Augusto dos Anjos, aparentemente o soneticista da poesia científica do realismo-naturalismo, enfrentasse inúmeros obstáculos e incompreensões. (HELENA, 1984, p. 18)

Ao contrário do que normalmente acontece com os artistas e intelectuais, que são primeiro cultuados por seus pares para depois, já imortalizados, caírem na tradição culta de um povo, Augusto dos Anjos sobreviveu em nossas letras pelas mãos da gente comum, gente essa que ficava fascinada pela linguagem empregada pelo poeta do Engenho Pau D'Arco, linguagem essa até então desconhecida das obras literárias em voga, e que misturava a uma profunda reflexão filosófica e existencial uma soma nada

vulgar de termos científicos, os quais essa mesma gente comum certamente ignorava. Será esse poeta excêntrico que tecerá, nas letras brasileiras, junto a escritores como Machado de Assis, Lima Barreto e Euclides da Cunha, uma das mais finas reflexões sobre a condição humana e inaugurará alguns dos primeiros passos para o Modernismo no Brasil. Augusto é um caso à parte na cena literária brasileira de sua época, um poeta de voz única, autêntica, que destoava dos modismos algo faceiro da poesia brasileira de então, contaminada pelo amor doentio e excessivo à forma, tão bem representado pelo Parnasianismo, que tinha como seu maior arauto o poeta carioca Olavo Bilac, “*o mais antológico de nossos poetas*” (BOSI, 1975, p. 254), cujo amor à forma deixou claro no famoso poema “Profissão de Fé”, citado por Bosi em sua “*História Concisa da Literatura Brasileira*”, em que diz, entre outras coisas:

Torce, aprimora, alteia, lima  
 A frase, e enfim,  
 No verso de ouro engasta a rima,  
 Como um rubim.  
 Quero que a estrofe cristalina,  
 Dobrada ao jeito  
 Do ourives, saia da oficina  
 Sem um defeito.  
 Assim procedo.  
 Minha pena  
 Segue esta norma,  
 Por te servir,  
 Deusa serena,  
 Serena forma.  
 (BILAC apud BOSI, 1975, p. 255)

Esse amor ao verso exato, preciso, ainda que de alguma forma esteja presente em seus poemas, não seduzirá de todo Augusto dos Anjos. Esse paraibano magro e taciturno, leitor voraz de Schopenhauer e de Haeckel, Spencer e Darwin, trilhará um caminho até então desconhecido em nossas letras, o que o fará um dos nossos versejadores mais originais. No entanto, pagou o poeta um preço alto por sua vocação em cantar a decomposição da carne. Como bem observa o grande crítico Otto Maria Carpeaux, na apresentação do famoso estudo de Ferreira Gullar acerca do poeta do Engenho Pau D'Arco:

Augusto dos Anjos não teve sorte na vida: parecia a personificação de uma fase especialmente infeliz da evolução intelectual do Brasil, mistura incoerente de uma cultura ou semicultura bacharelesca, ávida de novíssimas novidades científicas, mal assimiladas, e dos ambientes das massas populares miseravelmente abandonadas nas ruas estreitas do Nordeste

tropical. Ninguém o compreendeu, ninguém lhe leu os versos nos cafés superficialmente afrancesados do Rio de Janeiro, e é conhecida a cena de um de seus raros admiradores que leu um soneto de Augusto dos Anjos a Olavo Bilac e recebeu a resposta desdenhosa: “É este o seu grande poeta?”. Foi uma época de eclipse do sol, de trevas ao meio-dia. (CARPEAUX, 1995, p. 11-12)

Essa personificação da desgraça, apontada por Carpeaux, é um lugar-comum na descrição desse paraibano genial. Com efeito, Augusto já carregava em si as marcas de seu próprio destino e espelhava em sua face as inquietações e misérias que tanto o assombravam. Isso fica evidente em mais de um relato sobre o poeta, e é de um de seus melhores amigos, o também paraibano Órris Soares, que o conheceu por volta do ano de 1900, que temos uma visão precisa do homem Augusto dos Anjos:

Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura, e nos lábios uma cristação de demônio torturado. Nos momentos de investigações, suas vistas transmudavam-se rápido, crescendo, interrogando, teimando. E quando as narinas se lhe dilatavam? Parecia-me ver o violento acordar do anjo bom, indignado da vitória do anjo mau, sempre de si contente na fecunda terra de Jeová. Os cabelos pretos e lisos apertavam-lhe o sombrio da epiderme trigueira. A clavícula, arqueada. No omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para adiante. Os braços pendentes, movimentados pela dança dos dedos, semelhavam duas rabecas tocando a alegria dos seus versos. O andar tergiversante, nada aprumado, parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cérebro. (SOARES, 2008, p. 13)

Nascido no Engenho Pau-d'Arco, à margem do rio Una, na então província da Paraíba, a 20 de abril de 1884, Augusto dos Anjos aos poucos assimilou o ambiente rural decadente em que nascera e crescera. Aquele menino simples, que herdara de um tio morto prematuro o nome Augusto, um “nome maldito”, anunciador de morte certa ainda na juventude, cresceu entre as aulas de catecismo ministradas pelo Dr. Aprígio, um primo de seu pai, e os ensinamentos profanos, abusões e crendices, histórias de assombrações, mula sem cabeça, superstições de várias ordens, que formavam, à época, o ambiente sombrio das noites rurais nordestinas e que tanto medo incutiam em Augusto e em seus irmãos. Vindo de uma família de excêntricos, como bem prova a existência de seu tio Acácio, um farmacêutico esquisitão que se deixou dominar por uma singular misantropia, vivendo sempre trancado em seu quarto e que raramente falava com alguém, acabando inválido e inteiramente desequilibrado, Augusto dos Anjos, de certa forma, absorveu esse clima de “almas de outro mundo”, de “avisos

sobrenaturais”, que foi formando a sua visão de mundo e que estará fortemente impresso em sua poesia. Já em seu primeiro soneto, publicado no Almanaque do Estado da Paraíba no ano de 1900, e que, segundo Raimundo Magalhães Júnior, autor do famoso livro “Poesia e Vida de Augusto dos Anjos”, certamente fora escrito em 1899, o jovem poeta já revela os gemidos de uma alma sofrida e já deixa esboçado o poeta que será. O soneto, que se intitula “Saudade”, e está presente na obra de Magalhães Júnior acerca do poeta, diz:

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,  
E o coração me rasga, atroz, imensa,  
Eu o bendigo da descrença em meio,  
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noute quando em funda soledade  
Minh'alma se recolhe tristemente,  
P'ra iluminar-me a alma descontente  
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento  
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,  
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da Saudade na campa enegrecida  
Guardo a lembrança que me sangra o peito,  
Mas que no entanto me alimenta a vida.

(ANJOS apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 19)

Esse soneto, escrito, ao que parece, aos quinze anos de idade, é um testemunho inegável de uma vocação poética fortemente ligada ao sofrimento, ao lado doído da vida, uma confissão de rara sensibilidade de uma alma frágil e demasiadamente sensível, que desde cedo percebeu que sua relação com o mundo não seria nada amigável, preferindo antes os altos voos da poesia ao cotidiano do quase nada, fato esse que nos lembra aquele famoso albatroz de Baudelaire, poeta cuja influência no paraibano é inegável. “Saudade” representa, ao lado de mais dois sonetos de sua juventude, denominados, respectivamente, “Abandonada” e “Ceticismo”, todos recolhidos por Raimundo Magalhães Júnior em seu livro sobre o poeta, a tríade sobre a

qual Augusto dos Anjos haveria de, mais tarde, sempre retornar. Assim como ocorreu ao poeta francês Rimbaud, que desenhou ainda na juventude as linhas gerais de sua inquietante e revolucionária poesia, poesia essa que o fez ser chamado, à época, “um jovem Shakespeare”, Augusto dos Anjos desde cedo delimitou os caminhos através dos quais sua alma haveria de percorrer. “Abandonada”, soneto escrito em 19 de dezembro de 1900, é a primeira composição conhecida em que aparece o tema do amor frustrado, do amor impossível. Se é comum aos poetas os amores inacessíveis, apenas sonhados, ante os quais a poesia não pode senão louvar ou lamentar, amores esses que tanto fizeram o sofrimento de grande parte dos poetas românticos e cuja imagem se imortalizou nas famosas páginas de “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, romance do escritor alemão Goethe, que narra a vida, o sofrimento e o suicídio de um jovem torturado pelo amor infinito e impossível que devota à bela Lotte, uma moça já prometida em casamento, e se, de alguma forma, esses amores vão deixando no espírito do poeta um misto de melancolia e saudade, em Augusto dos Anjos a experiência do amor fracassado fez com que ele carregasse por toda a vida a crença de que o amor é simplesmente impossível. Eis o soneto “Abandonada”:

Bem depressa sumiu-se a vaporosa  
Nuvem de amores, de ilusões tão bela;  
O brilho se apagou daquela estrela  
Que a vida lhe tornara venturosa!

Sombras que passam, sombras cor-de-rosa  
- Todas se foram num festivo bando,  
Fugazes sonhos, gárrulos voando  
- Resta somente um'alma tristurosa!

Coitada! O gozo lhe fugiu correndo,  
Hoje ela habita a erma soledade,  
Em que vive e em que aos poucos vai morrendo!

Seu rosto triste, seu olhar magoado,  
Fazem lembrar em noute de saudade  
A luz mortiça d'um olhar nublado.

(ANJOS apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 21)

Dessa paixão malograda, destruída pelos esforços de sua mãe, Sinhá-Mocinha, que não queria ver o filho se relacionando com uma moça recolhida como retirante no solar do Engenho Pau-d'Arco, mandando alguns cabras aplicar-lhe uma surra que, segundo Raimundo Magalhães Júnior, a mataria, Augusto jamais irá se esquecer, e é

Revista Húmus vol. 13, num. 40, 2023

ela, ao que parece, que alimentará mais tarde o profundo pessimismo do poeta paraibano em relação ao amor e à vida, ao ponto dele chegar a afirmar, no soneto “Idealismo”, presente no “Eu”, os seguintes versos:

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!  
O amor da Humanidade é uma mentira.  
É. E é por isso que na minha lira  
De amores fúteis poucas vezes falo.  
(ANJOS, 2008, p. 60-61).

Essa descrença no amor, que em alguns escritores não passa de artifício retórico ou estético, como é o caso, por exemplo, de Machado de Assis, essa descrença será tão profunda no poeta paraibano que ele chegará a escrever, no poema “Queixas Noturnas”, também presente em seu livro “Eu”, uma verdadeira confissão. O caso de Machado de Assis é exemplar. Nenhum outro autor na literatura brasileira foi mais sarcástico e mais irônico do que ele em relação às mulheres e ao amor. Basta lembrar de personagens como o Dr. Félix, solteirão desconfiado em relação aos amores arrebatados, presente no livro “Ressurreição”, primeiro romance de Machado, publicado em 1872, e de mulheres como Lúvia, a viuvinha por quem o Dr. Félix se apaixona, e personagens femininos característicos de Machado, como Sofia, de “Quincas Borba”, Virgília e Marcela, ambas de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, e a mais famosa das mulheres do Bruxo do Cosme Velho, a Capitu, do romance “Dom Casmurro”. Todas essas personagens representam a ironia e a visão algo sarcástica do grande bruxo. Entretanto, essas mesmas personagens aparecem antes como visão literária do que como visão pessoal do autor. Isso porque, ao contrário do que suas personagens levam a crer, Machado de Assis estava longe de ser um ser desconfiado em relação ao amor, como o Dr. Félix, tampouco era um boêmio de amores erradios, como o falecido Brás Cubas. Pelo contrário. Machado foi um amante ardoroso, fiel à sua esposa, a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novaes, irmã do jovem poeta Faustino Xavier de Novaes. Prova maior da verdadeira relação de Machado de Assis com o amor é o famoso soneto “A Carolina”, escrito para a esposa já falecida, e que mostra o quanto de romantismo havia no coração desse bruxo que disfarçava sua alma com suas palavras. Eis o soneto:

“Querida, ao pé do leito derradeiro/Em que descansas dessa longa vida,/Aqui venho e virei, pobre querida,/Trazer-te o coração do companheiro./ Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro/Que, a despeito de toda a humana lida/Fez a nossa existência apetejada/E num recanto pôs o mundo inteiro./Trago-te flores—restos arrancados/Da terra que nos viu passar unidos/E ora mortos nos deixa e separados./Que eu, se tenho nos olhos malferidos/Pensamentos de

vida formulados,/São pensamentos idos e vividos”. (ASSIS apud PEREIRA, 1949, p. 191-192).

Diz o poeta, Augusto dos Anjos:

Sobre histórias de amor o interrogar-me  
É vão, é inútil, é improfícuo, em suma;  
Não sou capaz de amar mulher alguma,  
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.  
O amor tem favos e tem caldos quentes  
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal;  
O coração do Poeta é um hospital  
Onde morreram todos os doentes.  
(ANJOS, 2008, p. 114).

Esse episódio marcará para sempre o poeta paraibano e constitui um dos pontos centrais de avaliação de sua profunda melancolia em relação à vida, ao ponto de alguns afirmarem que as frustrações amorosas são a razão da angústia que tanto demonstrava o escritor, como é o caso do livro de Horácio de Almeida, editado em 1962, intitulado “Augusto dos Anjos, razões de sua angústia”. Em todo caso, Augusto sempre apresentou uma consciência profunda da vida e jamais se iludiu em relação a ela. Sua descrença no amor apenas reforçaria sua natural vocação para a clarividência, o que o torna membro de um seleto grupo de escritores brasileiros que foram capazes de ver, de fato, o drama real da gente de sua terra, um país imenso e marcado pela solidão de suas dimensões. A esse grupo pertencem, entre outros, Lima Barreto, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, escritores que foram ao fundo da alma de nossa gente, trazendo-nos personagens que quase sempre andaram obscuros em nossa Letras, como os nordestinos Fabiano e Macabeia, e os loucos Policarpo Quaresma e Quincas Borba. Augusto sabia a dimensão de ser brasileiro e as implicações decorrentes de um tal fato. Em um trecho do poema “Monólogo de uma Sombra”, que abre o seu famoso livro “Eu”, escreve o poeta:

Tal qual quem para o próprio túmulo olha,  
Amargamente se me antolha,  
À luz do americano plenilúnio,  
Na alma crepuscular de minha raça  
Como uma vocação para a Desgraça  
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.  
(ANJOS, 2008, p. 32)

E, em um trecho do poema “Os Doentes”, do mesmo livro, reforça essa sua visão.

Diz ele:  
Revista Húmus

Do fundo do meu trágico destino,  
Onde a resignação os braços cruza,  
Saía, com o vexame de uma fusa,  
A mágoa gaguejada de um cretino.  
Aquele ruído obscuro de gagueira  
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,  
Vinha da vibração bruta da corda  
Mais recôndita da alma brasileira!  
(ANJOS, 2008, p. 69)

Deve-se notar, contudo, que em Augusto dos Anjos o pessimismo não é algo retórico, plástico, ganhando expressão pelo profundo cientificismo de sua linguagem. O que ele escreve nada mais é do que o produto de suas vivências e inquietações. É sua consciência profunda da realidade que o torna um homem pessimista. Pode-se dizer que ele era, no fundo, um realista, naquele mesmo sentido em que assim também se considerava o grande escritor russo Dostoiévski, ou seja, um realista no sentido mais alto da palavra, um realista da alma humana. Sua linguagem, carregada das leituras de Darwin, Spencer e Haeckel, serve apenas para dar maior expressão aos seus dramas pessoais. Como bem notou o crítico Alfredo Bosi em seu livro “História Concisa da Literatura Brasileira”:

[...] Em Augusto dos Anjos, o jargão científico e o termo técnico, tradicionalmente prosaicos, não devem ser abstraídos de um contexto que os exige e os justifica. Ao poeta do cosmos em dissolução, ao artista do mundo podre, fazia-se mister uma simbiose de termos que definissem toda a estrutura da vida (vocabulário físico, químico e biológico) e termos que exprimissem o asco e o horror ante essa mesma existência imersa no Mal. (BOSI, p. 325)

Essa mesma visão possui o poeta Ferreira Gullar, que no seu brilhante ensaio sobre o poeta do Engenho Pau-d'Arco, intitulado “Augusto dos Anjos ou morte e vida nordestina”, escreve:

[...] Se se ignora o polo cotidiano de sua indagação poética, toda a sua obra aparece como uma complicada retórica, o verbalismo de um adolescente doentio que leu demais Schopenhauer, Spencer e Haeckel. E perde-se precisamente o que define a poesia de Augusto como a mais patética indagação já feita, na poesia brasileira, acerca da existência do mundo e do sentido da vida humana. Não se trata de concordar com a sua visão filosófica [...]. Importa, no entanto, verificar que, nele, esses problemas não são meros pretextos literários para cometer sonetos e poemas – são problemas vitais – e que a necessidade de resolvê-los conduziu-o a viver uma experiência poética de densidade rara em nossa literatura. [...] Com Augusto dos Anjos penetramos aquele terreno em que a poesia é um compromisso total com a existência. Não fosse assim, e seu discurso niilista não teria sido um discurso realmente poético e, muito menos,

jamais se teria incorporado como elemento vivo à literatura brasileira.  
(GULLAR, 1995, p. 44-45)

De fato, tanto o crítico quanto o poeta têm razão. Em Augusto, a poesia é uma parte de seu ser, e se ela revela a decadência e a podridão, isso não é culpa do artista. Antes, é o mundo que se lhe revela assim. No soneto “Ceticismo”, recolhido por Raimundo Magalhães Júnior, escrito em 22 de dezembro de 1900, o poeta já cantava:

Desci um dia ao tenebroso abismo,  
Onde a Dúvida ergueu altar profano;  
Cansado de lutar no mundo insano  
Fraco que sou volvi ao ceticismo.

Da Igreja – a Grande Mãe – o exorcismo  
Terrível me feriu, e então sereno  
De joelhos aos pés do Nazareno  
Baixo rezei em fundo misticismo:

– Oh! Deus, eu creio em ti, mas me perdoa!  
Se esta dúvida cruel qual me magoa  
Me torna ínfimo, desgraçado réu.

Ah, entre o medo que o meu ser aterra,  
Não sei se viva p'ra morrer na terra,  
Não sei se morra p'ra viver no céu!

(ANJOS apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 25)

Se os poetas são, como certa vez afirmou o grande escritor inglês Shelley, os legisladores desconhecidos do mundo, talvez ninguém melhor do que Augusto dos Anjos para assumir, entre nós, essa função. Sua profunda consciência da realidade, seu comportamento ante o espetáculo do mundo, sua fidelidade e sinceridades poéticas dão-lhe forças suficientes para ser um dos forjadores mais agudos e incisivos de nossa condição como brasileiros e como seres humanos. Este é outro ponto essencial do pessimismo do poeta paraibano: sua universalidade. Assim como aconteceu aos grandes poetas de todos os tempos, Augusto conseguiu falar de todos os homens ao falar de si mesmo. Isso talvez porque a poesia tem essa capacidade de estar sempre à frente de seu tempo. Como afirmou certa vez o mesmo poeta Shelley, em seu ensaio “Uma Defesa da Poesia”:

A poesia é, com efeito, algo divino. É, de uma só vez, o centro e a circunferência do conhecimento; é aquela que compreende toda a ciência, e àquela que toda ciência deve se referir. É, ao mesmo tempo, a raiz e a flor de todos os outros sistemas de pensamento; é dela que tudo

nasce e a que adorna a tudo; e aquela que, se enferrujada, nega o fruto e a semente, e retém, do mundo estéril, o alimento e a sucessão de mudas da árvore da vida. (SHELLEY, 2008, p. 114).

E Augusto, entre nós, representa essa árvore da vida, ainda que nos mostre essa vida do modo como ela é: desumana e cruel. Em seus poemas encontramos aquela mesma aspiração que viu Manuel Bandeira nos versos angustiados desse paraibano taciturno, uma aspiração suprema de dominar todos os contrastes e resolvê-los na unidade do Grande Todo. Augusto morreu ignorado e certamente, no mais fundo de sua tão inquieta e sofredora alma, pensava passar despercebido na história de nossa literatura, como bem escreveu no soneto “Vozes de Um Túmulo”, presente em seu livro “Eu”:

Morri! E a Terra – mãe comum – o brilho Destes meus olhos apagou! ...  
Assim Tântalo, aos reais convivas, num festim,  
Serviu as carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?!  
Por que?! Antes da vida o angusto trilho  
Palmilhasse, do que este que palmilho  
E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta  
Construí de orgulho ênea pirâmide alta...  
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,  
Hoje que apenas sou matéria e entulho  
Tenho consciência de que nada sou!

(ANJOS, 2008, p. 86)

Porém, Augusto ficaria talvez feliz se soubesse que seu nome não pereceu e que sua obra é hoje uma das mais vivas vozes de nossa literatura, cuja presença poderosa tanto sentimos e admiramos. Mas apenas talvez, pois: quem é capaz de julgar a felicidade da alma dos homens? Há um momento em que a criação artística, de tão imensa, converte-se em sonho e está presente em todas as almas, desde as mais complexas até as mais simples. E a obra de Augusto é isto: um sonho antigo, poderoso, cruel e necessário, que, mesmo acordados, prosseguimos sonhando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No cenário da literatura brasileira do século XIX, a obra de Augusto dos Anjos, a princípio vista como estranha e exótica, ocupa um lugar central. Não só pelo que de novo ela propõe em termos formais e estéticos, mas também pelo alto grau de reflexão que seus versos sugerem. Se, por um lado, o pessimismo do poeta paraibano possa ter encontrado a sua gênese na existência demasiado sofrida do seu autor, o que se deixa ver em muitos de seus poemas, por outro lado é inegável que esse alto grau de pessimismo e de reflexão venha da própria índole do poeta, desde muito jovem já inquieto e inclinado às meditações mais profundas. A obra de Augusto dos Anjos é, no século XIX, ao lado da de Machado de Assis e Lima Barreto, um dos maiores testemunhos do pessimismo em nossas letras, pessimismo esse muito influenciado pela leitura da obra de Schopenhauer, filósofo que seduziu muitos intelectuais e artistas. Esquecido em seu tempo, Augusto agora vive para todos os tempos, para o orgulho e a glória da sensibilidade humana e brasileira.

## **REFERÊNCIAS**

**ANJOS**, A dos. *Eu e Outras Poesias*. São Paulo. Martin Claret, 2008.

**BOSI**, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo. Cultrix, 1975. **BARRETO**, L. *Os Bruzundangas*. São Paulo. Ática, 1985.

**CARPEAUX**, O. M. Apresentação. In: *Augusto dos Anjos ou Morte e Vida Nordestina*. Ferreira Gullar, São Paulo. Paz e Terra, 1995.

**GULLAR**, F. *Augusto dos Anjos ou Morte e Vida Nordestina*. São Paulo. Paz e Terra, 1995.

**HELENA**, L. *A Cosmo-Agonia de Augusto dos Anjos*. 2 ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984.

**JANOUCH**, G. *Conversas com Kafka*. São Paulo. Novo Século, 2008.

**MAGALHÃES JÚNIOR**, R. *Poesia e Vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

**PEREIRA**, L. M. *Machado de Assis*. São Paulo. Gráfica Editora Brasileira, 1949.

**SHELLEY**, P. B. Uma Defesa da Poesia. In: *Uma Defesa da Poesia e Outros Ensaio*. São Paulo. Landmark, 2008.

**SOARES**, Ó. Elogio de Augusto dos Anjos. In: *Eu e Outras Poesias*. Augusto dos Anjos. São Paulo. Martin Claret, 2008.